

**NOVAS DISCURSIVIDADES PARA A LINGUÍSTICA POPULAR: OS
COMENTÁRIOS ON-LINE SOBRE LÍNGUA**

**THE NEW DISCURSIVITIES FOR THE FOLK LINGUISTIC: THE ONLINE
COMMENTS ABOUT A LANGUAGE**

Mariana Morales da Silva¹

Universidade Federal de São Carlos

Resumo: Desde o advento da web 2.0, os internautas ocupam o espaço digital posicionando-se sobre os mais diversos temas, sendo um deles a língua propriamente dita. Interessado em explorar algumas potencialidades que o discurso digital oferece ao campo da Linguística Popular, este estudo tem como objetivo propor e testar a fecundidade do território dos comentários on-line produzidos por internautas não linguistas sobre língua. Considerando o potencial desencadeador de polêmicas (AMOSSY, 2017) em termos que vão além do que é considerado “normal” da língua (NIEDZIELSKI; PRESTON, 2021), foram selecionados comentários on-line de internautas em resposta a notícias on-line que discutem o fenômeno da incorporação de termos como *crush* e *shippar*, típicos da temática de relacionamentos na era digital, no português brasileiro. Observou-se, segundo Jara Murillo (2021), as marcas de julgamentos, indícios de pertencimento a determinado grupo, traços de lealdade e insegurança linguística e tipos de argumentos mobilizados. Além disso, a análise utilizou a categorização discursiva proposta por Paveau (2020) de práticas metalinguísticas prescritivas, descritivas, intervencionistas ou militantes. Conclui-se, com o exercício analítico realizado, que, embora alguns detalhes típicos da coleta de dados de entrevistas abertas possam se perder, os comentários on-line trazem o potencial de resgate dos saberes espontâneos sobre uma língua produzidos também de forma espontânea e em ambientes reais por não linguistas. E pode, ainda, abranger também os debates engendrados entre os internautas devido às afordâncias da web.

Palavras-chave: Linguística Popular; Discurso Digital; Web 2.0; Comentários on-line; Relacionamentos na era digital.

Abstract: Since the advent of web 2.0, Internet users have occupied the digital space, taking a stand on a wide range of topics, one of which is language itself. Interested in exploring some potentialities that the Digital Discourse offers to the field of the Folk Linguistics, this study aims to propose and test the fecundity of the territory of online comments produced by non-linguist Internet users about a language. Considering the potential trigger of polemics (AMOSSY, 2017) on terms that are beyond what is considered “normal” in the language (NIEDZIELSKI; PRESTON, 2021), there were selected internet users’ online comments in response of on-line news that discuss the phenomenon of the incorporation of terms such as *crush* and *shippar*, typical of the theme of relationships in the digital age, in Brazilian Portuguese. It was observed, according to Jara Murillo (2021), the marks of judgments, signs of belonging to a certain group, traits of loyalty and linguistic insecurity and types of argumentations mobilized. In addition, the analysis used the discursive categorization proposed by Paveau (2020) of prescriptive, descriptive, interventionist or militant metalinguistic practices. It is concluded, with the analytical exercise undertaken, that, although some typical

¹Pesquisadora da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). E-mail: marianamoralesdasilva@gmail.com.

details of data collection from open interviews can be lost, the on-line comments bring the potential of recovering spontaneous knowledge of the language produced also in a spontaneous way and at real environments by non-linguists. And it can also cover the debates engendered among internet users due to the web's affordances.

Key-words: Folk Linguistic; Digital Discourse; Web 2.0; On-line comments; Relationships in the digital age.

Introdução

Falar e escrever sobre Linguística Popular no contexto brasileiro é ainda caminhar por um campo pouco explorado e polêmico ao mesmo tempo². Ao passo que, em países como Alemanha, Estados Unidos, Costa Rica e França, por exemplo, é possível falar em uma tradição um pouco mais sólida devido a trabalhos de muitas décadas de empenho de pesquisadores como Henry Hoenigswald (1966), Nancy Niedzielski e Dennis Preston (2000/2003, 2021), Carla Jara Murillo (2006, 2021), Kajar Dolar (2021) e Marie-Anne Paveau (2020), para citar alguns exemplos.

A Linguística Popular, como campo de estudo, pode trazer contribuições e estabelecer diálogos com diversas áreas. Como bem lembra Gonçalves (2021)³, pesquisadores como Niedzielski; Preston (2003) mobilizaram a Linguística Popular na dialetologia perceptual; ao passo que, Doury (2008) o fez desde a retórica e estudos da argumentação segundo uma perspectiva popular; já, Ferguson⁴ inscreveu os trabalhos de Linguística Popular na área da Linguística Aplicada, mais precisamente, nos trabalhos relativos à alfabetização e ensino de línguas estrangeiras; Dell Hymes⁵, na sociolinguística e; no contexto discursivo, temos Paveau (2020), na França, assim como Baronas; Conti (2019) e Baronas (2021), em pesquisas brasileiras.

Segundo Gonçalves (2021, s/p.), esses estudos “evidenciam que a área de estudos em Linguística Popular tem permitido análises das mais variadas e abordagens pertinentes às muitas formulações de teorias espontâneas e ordinárias sobre a linguagem”. É, pela contribuição desses trabalhos, que nos inspiramos a pisar nesse campo de estudos, o qual se encontra, no Brasil, ainda em fase emergente.

² Segundo Baronas (ver PAVEAU, 2020, p. 7), a Linguística Popular, ou, então, Linguística Folk, não figura nas agências de fomento à pesquisa no Brasil nem nas associações científicas de linguística como um campo institucionalizado de investigação. Pelo menos, não oficialmente ainda.

³ Gonçalves (2021) propõe um estado da arte da Linguística Popular e, com isso, oferece-nos uma excelente historiografia dos estudos nesse campo. Conforme o próprio autor “apresentamos um panorama geral sobre a Linguística Popular, seus principais conceitos, sua metodologia e abordagens nas mais diferentes geografias, com especial ênfase nas abordagens do tipo discursivas e seus desdobramentos no contexto da pesquisa linguística no Brasil” (GONÇALVES, 2021, s/p.).

⁴ Ver conferencia de Hoenigswald (1966).

⁵ Ver conferencia de Hoenigswald (1966).

Podemos destacar como marcos recentes da Linguística Popular no contexto brasileiro, o dossiê proposto por Baronas e Cox (2019), o I SIELiPop (I Seminário Internacional de Estudos em Linguística Popular) e o I IACaDis (I Instituto de Análise Caipira do Discurso), realizados em março de 2020 na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Assim como, a presença, pela primeira vez desde sua fundação, de dois simpósios dedicados a reflexões sobre a Linguística Popular, no 68º Seminário do GEL (Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo), realizado em julho de 2021 de forma on-line devido à pandemia da COVID-19.

Participar deste movimento, que visa ampliar o debate sobre a incorporação de saberes não especializados acerca de uma língua aos saberes científicos sobre ela de forma não dicotomizante, buscando também contribuir com essa rede colaborativa de pesquisas ainda em construção em fase inicial no contexto brasileiro, traz um duplo desafio. De um lado, encontramos-nos com a vastidão de um campo aberto à exploração quase virgem em solo brasileiro e, de outro, temos o enfrentamento e resistência de uma Academia que, em algumas esferas, insistirá na resistência à tentativa de diálogo que empreendemos.

É, então, com o espírito exploratório, que buscamos com nosso trabalho apresentar uma dentre as tantas possibilidades que esse campo nos permite investigar. Sendo assim, no sentido de trazer uma contribuição às pesquisas emergentes, apresentamos uma possibilidade ainda não estabilizada do campo, a qual vimos propondo em uma série contínua de esforços para a reflexão.

Em trabalho anterior (CARREON e SILVA, 2021)⁶ buscamos estabelecer um primeiro diálogo com as teorias da Linguística Popular com os postulados sobre a Análise do Discurso Digital, ambas propostas por Marie-Anne Paveau (2020 e 2021), em uma investigação sobre o fenômeno de construção do tecnogênero glossário on-line de termos tipicamente digitais dentro da temática de relacionamentos. Nosso enfoque, naquele primeiro momento, foi sobre as produções digitais de tais glossários feitas por sujeitos não especialistas na língua.

Inspiradas pelo profícuo debate gerado no 68º Seminário do Gel, pretendemos com o presente trabalho, dar continuidade e mais profundidade ao diálogo com os dois

⁶ Referimo-nos ao capítulo, intitulado “Glossário da paquera digital: definição de termos nativos da web publicados por não linguistas”, publicado no livro organizado por BARONAS, R. L.; SANTOS, J. A. e GONÇALVES, M. R. B. *Contribuições da linguística popular às ciências da linguagem*. Araraquara – SP: Letraria, 2021. Disponível em <https://www.lettraria.net/wp-content/uploads/2021/06/Linguistica-popular-contribuicoes-as-ciencias-da-linguagem.pdf>

campos de investigação, da Linguística Popular com o Discurso Digital, enfocando desta vez uma outra possibilidade de entrada no primeiro campo por meio da característica de ampliação (Paveau, 2021) dos tecnogêneros por nós já analisados (CARREON e SILVA, 2021)

Em (CARREON e SILVA, 2021) observamos as características de tecnoglossários a partir das seguintes entradas, *crush*, *ghosting*, *orbiting*, *sexting*, *shippar* e *stalkear/stalker* em distintas reportagens on-line que trazem características de glossários. Neste estudo, enfocamos as percepções de internautas sobre os termos *crush* e *shippar*, por serem termos de circulação consideravelmente maior que os demais, no contexto brasileiro.

Isso significa que, neste estudo, que funciona como um desdobramento do primeiro, não nos interessa a tecnoprodução do glossário em si, haja vista que já foi abordada por nós. Mas, agora, as possibilidades de interações que as afordâncias do espaço da web possibilitam. Em outros termos, interessa-nos a produção de saberes populares dos internautas não linguistas interlocutores de tais glossários sobre esse vocabulário digital.

Para tanto, recorremos a 7 reportagens on-line que trazem características dos glossários observados em (CARREON e SILVA, 2021) e, neste estudo, centramo-nos nos comentários dos internautas disponibilizados nas próprias páginas web, tendo em vista descrever a percepção dos internautas sobre a língua, ou seja, a percepção sobre a linguagem a partir de comentários on-line de sujeitos falantes da língua não especialistas nela. Para a seleção dos comentários, mantivemo-nos no recorte específico de suas percepções sobre o fenômeno linguístico de incorporação de termos fortemente marcados pelo digital e com traços de estrangeirismo na língua portuguesa brasileira.

É importante marcar que, nosso estudo, na mesma linha do primeiro movimento que empreendemos em (CARREON e SILVA, 2021), tem caráter exploratório, haja vista que nosso objetivo principal é explorar uma das inúmeras possibilidades que o campo da Linguística Popular emergente no Brasil nos oferece. Nesse sentido, este estudo figura como, ao mesmo tempo, exercício reflexivo e convite para novas explorações via hipótese que aqui propomos e testamos, qual seja: a fecundidade do terreno dos comentários on-line sobre uma língua por não-linguistas para o campo da Linguística Popular.

1. Linguística Popular: um campo não-dualista

A Linguística Popular, como campo de interesse para as Ciências da Linguagem, enfrenta certa resistência devido, sobretudo, a uma tradição que dicotomiza saberes populares de saberes científicos. Um verdadeiro abismo intransponível dentro de alguns círculos acadêmicos.

Segundo Paveau (2018, p. 9), “haveria dois polos que representariam os extremos teóricos: de um lado, o linguista ‘estudado’, ‘científico’, que manejaria os saberes ‘exatos’; e, de outro, o linguista espontâneo” ou conforme a mesma autora (2020), “os não linguistas”, ou seja, os falantes comuns que produzem conhecimentos espontâneos sobre uma língua. Conforme a autora francesa, seria preferível a adoção de uma visão que ela descreve como escalar ou gradual. “Seria melhor, então, mesmo se essa posição parece iconoclasta para aqueles que creem na pureza e na objetividade da ciência, postular um *continuum* entre aqueles que fazem da linguística uma ciência e aqueles que não” (PAVEAU, 2018, p. 10).

Tendo em vista empreender, então, um movimento que busca não dicotomizar esses saberes em polos opostos, mas sim, abordá-los como uma gradação, um *continuum*, interessa-nos particularmente as abordagens que buscam romper com práticas acadêmicas dualistas. Assim, mobilizaremos um conjunto de autores para apresentar, de forma breve, algumas questões relativas a esse campo.

Destacamos o estudo de Nancy Niedzielski e Preston (2021) pelo qual defendem a não separação dos saberes populares e científicos. Os autores entendem que a construção de saberes espontâneos sobre uma língua por sujeitos não treinados ou, então, sujeitos não profissionalizados na área de estudo, não estariam em oposição e, assim, não seriam inconciliáveis com os saberes advindos do trabalho científico.

Conforme os autores, os saberes populares trazem a possibilidade de contribuir com o campo das Ciências da Linguagem, porém apenas se não forem considerados como saberes ingênuos, primitivos, casos isolados ou minoritários. Julgamentos que colocariam tais saberes em uma sub-categoria em relação aos saberes científicos, entendidos pelas perspectivas mais tradicionais como O saber legítimo.

Retomado por Nancy e Preston, Henry Hoenigswald, considerado uma referência inaugural do campo, afirma que:

[...] devemos estar interessados não apenas em (a) o que acontece (com a linguagem), mas também em (b) como as pessoas reagem ao que acontece (são persuadidas, desanimadas, etc.) e (c) no que as pessoas dizem (quando conversam sobre a linguagem). Não adianta descartar esses modos de conduta secundários e

terciários meramente como fontes de erro. (HOENIGSWALD, 1966, p. 21 apud NIEDZIELSKI, PRESTON, 2021, p. 13)⁷

Seguindo o mesmo propósito, Jara Murillo (2021) explica que, conforme Nancy e Preston (2021), essas três áreas de interesse debatidas por Henry Hoenigswald, conformam uma triangulação que deve ser considerada nos estudos da linguagem. A autora, assim detalha cada uma delas:

- a) A primeira corresponde ao sistema especializado, ou seja, a linguística científica encarrega-se de estudar os estados e processos que regem o que as pessoas dizem, sendo “o que as pessoas dizem” a linguagem como tal;
- b) A segunda corresponde ao campo de estudo das atitudes linguísticas: como as pessoas sentem e percebem o que é dito.
- c) A terceira corresponde ao campo próprio da linguística popular: o que as pessoas pensam a respeito do que é dito. (JARA MURILLO, 2021, p. 30)

Como podemos observar, os estudos de linguagem que insistem em não considerar os saberes populares sobre uma língua na construção de conhecimentos pertinentes para os estudos sistematizados da linguística estariam caracterizados apenas na primeira área de interesse, ignorando ou até rejeitando as possíveis contribuições das áreas de interesse secundárias e terciárias. Aqui, é importante destacar que entendemos “como as pessoas sentem”, “como as pessoas percebem” e “o que as pessoas pensam” das áreas de interesse dois e três, como crenças, sentimentos, valores, julgamentos, emoções etc.

Destacamos que a nossa compreensão pode estar bastante próxima à noção de pré-discursos, conforme Paveau (2008). A autora, em seu trabalho, busca oferecer tratamento teórico a dados que usualmente são denominados nas Ciências da Linguagem como senso comum, conhecimento partilhado ou prévio, os quais, em geral, são desconsiderados quando se analisam discursos ou são postos como uma categoria menor. Paveau o que faz é admitir que discursos podem apoiar-se em saberes, crenças e práticas partilhadas, ou em outros termos, populares. Segundo a autora, “os enunciados populares não são necessariamente crenças falsas a serem eliminadas da ciência. Constituem ao contrario saberes perceptivos, subjetivos, incompletos a serem integrados aos dados científicos da linguística” (PAVEAU, 2008, p. 15)

⁷ A versão em português dessa conferência foi publicada num capítulo que abre o E book *Linguística popular/Folk linguistics: saberes linguísticos de meia tigela?*, organizado por Baronas, R. L.; CONTI, T. C. B. e GONÇALVES, M. R. B. a ser disponibilizado gratuitamente pela Editora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, ainda em 2021.

Assim, defendemos que é a somatória das duas últimas áreas de interesse onde repousa a fecundidade da Linguística Popular, e não apenas na terceira como menciona Jara Murillo (2021). Deste modo, compreendemos a Linguística Popular como um campo que tem “como objetivo descobrir e analisar crenças e atitudes em relação à linguagem em todos os níveis de produção linguística, percepção e incorporação cognitiva, coletando e examinando comentários abertos sobre ela por não linguistas” (NIEDZIELSKI; PRESTON, 2021, p. 13).

Assim, em suma, a Linguística Popular pode ser definida como todo e qualquer saber espontâneo produzido sobre uma língua a partir de percepções de sujeitos não especialistas que se valem dessa língua para comunicar, para polemizar, para militar, expressar e constituir-se, assim, nela, por ela e com ela, em uma relação nem sempre afável, mas que está sempre em disputa. Desse modo, entendemos que sempre que um sujeito fala ou escreve sobre suas percepções sobre uma língua, seja o que sente ou o que pensa sobre ela, ele está marcando, por essa prática metalinguística e/ou metadiscursiva, um posicionamento frente à língua, também denominado como julgamentos conforme Jara Murillo (2021) apoiada em Hudson (1981).

A autora explica que, em geral, os comentários a respeito da fala e, aqui acrescentamos, da escrita também, marcam julgamentos de caráter avaliativo, sejam eles positivos ou negativos. A autora comenta que os julgamentos avaliativos estão vinculados ao preconceito linguístico, por meio do qual se hierarquizam variedades linguísticas. Jara Murillo ressalva que, embora os preconceitos linguísticos tragam problemas sociais ligados à estigmatização e marginalização de determinados grupos, são próprios da interação social, fornecendo boas pistas para os estudos em Linguística Popular. Segundo ela, “As pessoas avaliam os outros, favorável ou desfavoravelmente, com base nas características da fala, de modo que, se um falante manifestar em sua fala uma característica altamente valorizada, ele será, conseqüentemente, muito valorizado e vice-versa” (JARA MURILLO, 2021, p. 27).

Esse tipo de avaliação se relaciona, então, a valores e crenças associados à fala e, acrescentamos, à escrita. Segundo a autora, “a linguagem costuma ser empregada como símbolo de pertencimento a um determinado grupo e a forma com que se avaliam as características da fala depende dos valores do grupo ao qual se pertence” (Idem, idem, Ibidem). Nesse sentido, a conduta avaliativa não pode ser considerada individualizante, mas ao contrário, marca um pertencimento a um determinado grupo. Assim, o sujeito ao

avaliar uma língua, avalia seu próprio grupo e outros grupos em uma relação de pertencimento/não pertencimento, valorização/desqualificação.

São comuns os que consideram que o seu grupo fala a melhor variedade da língua e, embora não seja assim em todos os casos, a “lealdade linguística” (a atitude positiva em relação à própria variedade) é uma forma disponível de articular a autoestima de um grupo [...] Por outro lado, no entanto, um grupo pode perceber sua variedade linguística como inferior à de outros grupos, o que, em oposição à lealdade, é denominado “insegurança linguística”. (JARA MURILO, 2021, p. 27)

Segundo a autora, os estudos em Linguística Popular trazem para a superfície “a utilidade que poderia ter para a linguística científica a realização de estudos acerca dos julgamentos dos membros de uma comunidade linguística sobre sua própria conduta verbal” (JARA MURILLO, 2021, p. 26).

A autora costa riquenha, então, também defende a proposta não-dualista de Hoenigswald. Por essa proposta defende-se uma descrição geral de uma língua, que leve em consideração as opiniões dos falantes, sustentada no argumento de que tais dados permitiriam uma aproximação à variedade linguística em estudo. Nesse sentido, o conjunto de autores aqui mencionados, ampliam o âmbito da linguística tradicional tendo em vista levá-la a abarcar também a investigação na área das crenças, avaliações, opiniões, julgamentos, posicionamentos e sentimentos populares acerca da linguagem.

Por fim, destacamos um importante questionamento desenvolvido por Paveau (2020) acerca da prática dos não linguistas. A autora indaga “quais (e como) são as práticas destes não linguistas no trabalho com a linguagem?” (Paveau, 2020, p. 28). A partir desta(s) indagação(ões), Paveau (2020) estabelece que os saberes populares sobre uma língua, ou seja, suas práticas populares metalinguísticas, podem apresentar-se na forma de 4 categorias.

São elas: a) as práticas metalinguísticas prescritivas ou normativas: em geral com caráter fortemente moralizante sobre a língua no sentido de prescrições comportamentais; b) as práticas metalinguísticas descritivas: descrições ou preteorizações linguísticas, pelas quais não é possível destacar uma valoração nem eufórica nem disfórica sobre usos da língua; c) as práticas metalinguísticas intervencionistas: por meio das quais consegue-se intervir sobre a realidade da língua; e finalmente, d) as práticas metalinguísticas militantes⁸: diferente das práticas intervencionistas, podem ou

⁸ Vale destacar que, como todo campo em construção, ainda mais em solo brasileiro, no qual ele se encontra em fase emergente, a Linguística Popular está em pleno movimento. E, então, devido a esse movimento colaborativo, é que a última categoria, práticas militantes, foi incorporada pela autora Marie-Anne Paveau em seus estudos muito recentemente durante a realização do I SIELIPop.

não transformar uma realidade, mas sempre estarão coladas a uma questão ética, de maneira geral, questionando determinados usos dominantes da língua.

2. As afordâncias do digital e a contribuição para a Linguística Popular

Com o advento da web 2.0, conhecida também como web social ou participativa, somos espectadores partícipes de uma grande ocupação do espaço digital pelos mais diversos internautas ávidos em posicionar-se sobre os mais variados temas. Sendo um deles, a língua propriamente dita. Nancy e Preston (2021) destacam que quando algo na linguagem difere de si mesma, reside aí a possibilidade de ser desatado um evento desencadeador que direciona a atenção dos sujeitos falantes de uma língua para a própria linguagem, convocando-os ao debate sobre ela. Como, por exemplo, o caso deste estudo, de termos como *shippar* e *crush*, que em seus usos sobre a temática de relacionamentos na era digital, diferem do considerado “normal da língua” portuguesa brasileira e, assim, convocam os sujeitos falantes da língua ao debate/embate pelo potencial polêmico (AMOSSY, 2017) que reside no discurso disparador.

E é justamente no espaço da web, pelo discurso digital, que nos encontramos com uma grande disponibilidade para que esses fenômenos metalinguísticos ocorram. Sobretudo, porque conforme Maingueneau (2021) o espaço da web é essencialmente político, por permitir a circulação de “textos tradicionais” e de “enunciados anônimos”. Ou seja, de textos legitimados por seus fiadores, em geral, os sujeitos autorizados a assinar esses textos a partir de processos editoriais mais ou menos rigorosos; e de enunciados de internautas que se inscrevem na web marcando suas opiniões, posicionamentos, valores, crenças sem o crivo dos processos editoriais e, muitas vezes, encobertos pelo efeito do “jogo de máscaras” possíveis graças ao funcionamento dos avatares⁹ (AMOSSY, 2017).

Nesse sentido, defendemos que os discursos digitais, ou então, os tecnodiscursos, conforme Paveau (2021a), podem constituir-se como discursividades privilegiadas para o recolhimento de dados interessantes à Linguística Popular. Dessa forma, vale a pena determo-nos um pouco mais sobre o conceito dos tecnodiscursos.

⁹ Amossy (2017) denomina “efeito de jogo de máscaras”, fenômenos essencialmente polêmicos da web, pelos quais a partir de um discurso primeiro (discurso proponente) desata-se uma enxurrada de discursos em reação ao primeiro, que podem ser favoráveis ou contrários a ele e que entram em debate entre si. Segundo a autora, esse é um funcionamento típico da web devido aos “avatares”, ou seja, perfis digitais dos internautas que possibilitam uma não responsabilização do sujeito em esfera jurídica, social e ética.

Segundo a autora, ao conceber os discursos digitais como tecnodiscursos, a adoção do prefixo “tecno-“ implica compreender que “os discursos digitais nativos não são de ordem puramente linguageira, (...) as determinações técnicas co-constroem as formas tecnolinguageiras” (PAVEAU, 2021a, p. 31). A autora atribui, assim, seis características aos tecnodiscursos a partir dessa noção de mescla indissociável dos aspectos linguageiros e técnicos. Segundo ela, os tecnodiscursos se caracterizam por:

a) uma composição pluri-semiótica, constituída pela mescla de linguageiro e também técnico, além de permitir a combinação de texto com imagens, sejam elas fixas ou animadas, sons etc;

b) uma não linearidade. Conforme a autora, pelo funcionamento possível dos hiperlink, por exemplo, os discursos da web constroem uma espécie de labirinto discursivo, no qual de um link se pode acessar outros e outros;

c) ampliação, característica constituída pelos efeitos das afordâncias da web como os recursos de comentários e compartilhamentos, pelos quais, segundo ela, são produzidos conteúdos em si;

d) relacionaridade é o que permite que os tecnodiscursos sejam facilmente relacionados uns aos outros por estarem inscritos no código da web, o que possibilita também a próxima característica;

e) a da investigabilidade, que seria a capacidade dos tecnodiscursos de redocumentação;

f) e, finalmente, a característica de imprevisibilidade. Segundo Paveau, ao serem publicados, os tecnodiscursos podem deixar de funcionar segundo o percurso de sentidos previsto por seus produtores, devido às interações de seus internautas e também pelos mecanismos dos algoritmos.

Destacamos que essas características são fundamentais na constituição de nosso *corpus* que será descrito no apartado metodológico, o qual consideramos indissociável do fazer analítico. Porém, já podemos adiantar que dentre as seis características dos tecnodiscursos conforme Paveau (2021a), interessa-nos sobretudo a característica da ampliação. Haja vista que, é por ela que encontramos com a fecundidade do terreno dos comentários on-line, onde internautas podem opinar e interagir afetados por um discurso disparador, como por exemplo, uma notícia on-line sobre termos de relacionamento na era digital.

É, então, por essas afordâncias da web, que nos deparamos com uma possibilidade a um questionamento de Paveau sobre as práticas dos não linguistas:

“quando estas práticas são colocadas em uso pelos falantes comuns em ambientes reais de interação?” (PAVEAU, 2020, p. 28). Entendemos que os discursos com marcas de saberes e crenças populares podem circular na web construindo conteúdo em si em ambientes reais de interação devido à característica de ampliação e relacionaridade dos tecnodiscursos.

Ressalvamos também que entendemos que Paveau (2021a) atribui uma relevância aos comentários, ou em outros termos, aos “enunciados anônimos”, tal qual seriam relevantes os “textos tradicionais”, diluindo, assim, as fronteiras hierárquicas entre discursos e sujeitos na web.

Defendemos, com isso, que os comentários on-line de sujeitos não especialistas na língua permitem recolher os saberes espontâneos sobre uma língua, expressos também de forma espontânea e voluntária em ambientes reais de interação. Essa é uma diferença que a web inaugura para os estudos em Linguística Popular, pois, em geral, os estudos desse campo realizam suas coletas de dados produzidos e recolhidos por meio de entrevistas. Um método bastante eficiente para coletar esses saberes espontâneos, porém, produzidos e recolhidos em situações forjadas pelo fazer científico. Não estamos dizendo aqui, que o método de entrevistas é invalidado com o advento da web, mas que com a web 2.0 inaugura-se outro espaço de inscrição dos saberes populares.

Segundo Nancy e Preston (2021), nas pesquisas do campo da Linguística Popular, de maneira geral¹⁰, são selecionados um determinado grupo de entrevistados que são, em situação de entrevista, encorajados a responder ou debater sobre a linguagem, tendo em vista expor “não apenas suas noções tradicionais pré-empacotadas, mas também os processos que governam seu pensamento” (NIEDZIELSKI; PRESTON, 2021, p. 14) a respeito da linguagem. Assim, as entrevistas são estruturadas de modo que possibilitem aos sujeitos entrevistados expressar suas compreensões sobre seus ambientes linguísticos. Em relação às entrevistas, os pesquisadores destacam que as respostas abertas constituem uma boa base de dados observáveis, possíveis de serem classificados conforme os seguintes tópicos:

indisponíveis (aqueles sobre os quais o povo não queira, talvez não possa, comentar); disponíveis (discutidos apenas se forem cuidadosamente descritos); sugestionáveis (embora raramente iniciado pelo povo, no entanto, comentado sem descrição elaborada), e comuns (frequentes tópicos públicos de discussão em

¹⁰ O campo da Linguística Popular, por permitir o diálogo com diversas outras áreas da Linguística, não possui um método consolidado e encerrado em um par de ferramentas específicas, ao contrário, permite múltiplas abordagens com o emprego de diferentes metodologias (ver Gonçalves, 2021). Destacamos a escolha metodológica de entrevistas, pois esta é a mais comentada por Preston (1996).

Linguística Popular). (PRESTON, 1996 apud NIEDZIELSKI; PRESTON, 2021, p. 15).

Entendemos que quando optamos pela coleta de dados a partir de comentários on-line, estamos mais suscetíveis a encontrar com tópicos comuns, ou seja, os tópicos frequentes na discussão pública, os mais polêmicos. Porém, como o espaço da web é essencialmente político e os debates acerca de uma língua em geral levantam e sustentam-se em polêmicas de forma muitas vezes imprevisível (pela própria característica de imprevisibilidade dos tecnodiscursos), acreditamos que não seria impossível encontrar com traços dos demais tópicos descritos por Nancy e Preston também.

Finalmente, os autores asseveram que nem sempre os dados recolhidos de crenças e saberes populares são precisos, no sentido de serem acurados. Porém nunca são inválidos, por exemplo:

o detalhe da percepção popular de um objeto pode ser global ou específico. Por exemplo, um sotaque pode ser descrito sem detalhes (...todos falam engraçado...), enquanto alguns fenômenos linguísticos são caracterizados com grande especificidade (...é como se você estivesse tentando limpar a garganta enquanto fala). (NIEDZIELSKI; PRESTON, 2021, p. 15)

Compreendemos que, ao deslocar nossa coleta de dados da entrevista para os comentários on-line, por um lado, podemos perder algumas riquezas de detalhes possíveis apenas em situação de entrevista, sobretudo, quando são gravadas. Mas, por outro lado, lidamos com a riqueza da espontaneidade em sua forma mais genuína, imprevisível e relacional que caracterizam os tecnodiscursos em circulação na web. Ao apresentarmos a possibilidade de recolher dados a partir de comentários on-line, também temos um ganho que repousa nas afordâncias interacionais da web, que é quando os comentários além de interagir com o discurso disparador (em geral, um “texto tradicional” como uma reportagem ou notícia), também estabelecem interações entre outros comentários podendo engendrar acalorados debates, embates e defesas e refutações de posicionamentos, em ambientes reais de interação, conforme propõem Paveau (2020).

Assim, apresentamos, neste estudo, essa escolha que não é apenas metodológica, mas teórico-analítica também, conscientes das limitações que toda escolha impõe ao fazer científico e interessadas nas possibilidades que ela nos oferece.

Vale frisar que esta não é a única nem a melhor entrada para estabelecer um diálogo entre a Linguística Popular e o Discurso Digital. Outros estudos muito bem

desenvolvidos já estabeleceram o diálogo entre o popular e o digital, como por exemplo, os recentes investimentos brasileiros de pesquisas desenvolvidas pelo LEEDIM/CNPq-UFSCar (Laboratório de Estudos Epistemológicos e de Discursividades Multimodais) pelas quais se pode reconhecer um esforço investigativo em relação a “abordagens discursivas que analisam o dado linguístico popular em circulação, especialmente em *mediuns* digitais” (GONÇALVES, 2021, s/p.) e, no contexto francês, os estudos de Dolar (2021)¹¹ sobre os dicionários colaborativos on-line. Desse modo, reiteramos que o que aqui propomos é uma outra possibilidade para estabelecer o diálogo entre esses dois campos, a qual aponta para uma vasta oportunidade de exploração.

3. Constituição de um tecnocorpus

Como já mencionamos anteriormente, defendemos que o espaço da web é um lugar privilegiado para as investigações em Linguística Popular, sobretudo, pelo caráter político que esse espaço apresenta. No qual, como já mencionamos, conforme Maingueneau (2021), circulam ao menos dois tipos de textos: os textos que o autor denominou de tradicionais, por um lado, e por outro, os que ele denomina de “enunciados anônimos”.

Segundo sua definição, em nosso *corpus*, os textos tradicionais remetem às produções das notícias hospedadas em páginas web específicas, as quais trazem questões relativas ao vocabulário de relacionamentos na era digital.

O recolhimento dessas notícias se deu no que Paveau (2021) denominou “rastreamento ao voo no cotidiano de nossas navegações” on-line. Paveau retoma de Moirand, o termo “ao voo” quando esta autora se refere à noção de *corpus ao voo*:

expressões linguísticas coletadas pelo pesquisador durante suas leituras ou viagens pessoais, e o que ele ouve na rua, meios de transporte, lojas, salas de espera etc., equipado com um caderno e lápis, um pequeno gravador de som ou seu celular para coletar, por exemplo, grafites que, adicionados a certezas publicitárias ou eleitorais, ajudam a desviar a mensagem original” (Moirand, 2018, 2020, parágrafo 14 apud Paveau, 2021b, p. 40-41)

¹¹ Kajar Dolar, em seus estudos (2021), sobre os dicionários colaborativos da web, vale-se das possibilidades interativas da web que permitem a internautas não-linguistas serem partícipes do processo de construção de dicionários on-line, que por isso, são colaborativos. Ela os define como objetos metalinguísticos profanos e classifica-os conforme suas possibilidades de interação-participação. São eles: dicionários inteiramente colaborativos; dicionários colaborativos com validação; e dicionários parcialmente ou semi-colaborativos. O primeiro caracteriza-se por não receber nenhuma mediação de caráter de tratamento editorial, o segundo por prever uma etapa na qual há uma validação dos verbetes propostos pelos internautas não-linguistas antes da publicação e, no terceiro, as proposições dos internautas não-linguistas estão sujeitas à administração do editor que realiza um verdadeiro tratamento editorial para a publicação.

No caso deste estudo, recolhemos notícias coletadas durante nossas leituras e navegações on-line pela web. A partir dessas leituras, selecionadas sete reportagens conforme o critério de expressões sobre relacionamento na era digital, arquivamos as reportagens e as transformamos em imagem, por meio do recurso de captura de tela.

Essa primeira parte, que denominamos arquivística, é fundamental para a constituição de nosso *corpus*. Ela é formada por esses textos considerados tradicionais, os quais são disparadores das percepções dos internautas não-linguistas sobre termos relativos a relacionamentos na era digital. Embora as reportagens sejam produzidas também por sujeitos não necessariamente especialistas na língua, sendo em sua maioria comunicadores sociais, entendemos que são produzidas a partir de entrecruzamentos de uma série de indícios de marcas de fiadores de um discurso. Marcas estas que nos permitem enquadrá-las na classificação proposta por Maingueneau (2021) de “textos tradicionais”.

Relembramos que o pesquisador compreende por “textos tradicionais”, aquelas produções que recebem tratamento editorial e são assinadas por nomes próprios que passam a figurar como fiadores daquele discurso. Essas características podem ser identificadas em nosso arquivo como a) a página web que hospeda a reportagem, com maior ou menor prestígio em relação à opinião pública; b) a assinatura do sujeito que redige a reportagem; c) a presença de discurso direto quando uma voz de autoridade no assunto (em geral, especialistas em relacionamentos e não na língua) é convocada na composição do texto, d) a presença da marca de reedição, quando a reportagem é atualizada, em geral, por motivo de correção, atualização, reformulação etc. Alguns desses indícios podem ser observados nas imagens que disponibilizamos a seguir:

FIGURA 1: reportagem Metropoles



Figura 1: Captura de tela de reportagem hospedada na página web Metropoles.com, na qual identifica-se o mecanismo de reedição pela marca de “atualizado” seguido de data e horário.

Fonte: Metropoles.com¹²

¹² Disponível em: <https://www.metropoles.com/vida-e-estilo/comportamento/as-definicoes-de-relacionamento-foram-atualizadas-confira> último acesso: 8 de junho de 2021.

FIGURA 2: reportagens Uol



Figura 2: Capturas de tela de duas reportagens disponibilizadas na página web Uol.com.br, nas quais se identifica a página web que hospeda a reportagem e sua autoria

Fonte: Uol.com.br¹³.

Na primeira imagem, destacamos um indício de edição, o qual se encontra abaixo do nome de quem assina a reportagem, fiador do texto. Por esse indício identificamos uma marca do processo editorial que demonstra que houve uma revisão da reportagem após a primeira publicação. Esse indício está marcado na palavra “atualizada” seguida de nova data e nova hora em que a (re)edição, correção ou reformulação foi feita. Já, nas duas imagens seguintes, destacamos as marcas de fiadores já mencionadas, como o logo da página web e a marca de assinatura da autoria do texto.

Com essas imagens, podemos discorrer sobre a característica compósita plurissemiótica desses tecnodiscursos (PAVEAU, 2021a), que mesclam texto, imagem fixa, e recursos digitais que possibilitam acesso ao conteúdo do texto pela leitura por som, além de tecno-ícones de compartilhamento. Estes últimos são os recursos que possibilitam também a ampliação do tecnodiscurso (Idem, idem) pelas ferramentas de

¹³ Disponíveis em: <https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2019/05/21/o-que-e-shippar-entenda-uma-das-expressoes-mais-buscadas-pelo-brasileiro.htm> último acesso: 8 de junho de 2021.

Disponível em: <https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2019/03/19/o-que-e-crush.htm> Último acesso em: 8 de junho de 2021.

compartilhamento em mensageiros ou redes sociais digitais, como WhatsApp, Facebook, Twitter ampliando a circulação e alcance das reportagens.

A característica de ampliação pode ser identificada também pela ferramenta de comentários disponível ao fim da página, que permite a interação dos internautas. Encontramos 26 comentários na primeira reportagem, referente ao termo *crush*, e 34 na segunda, referente ao termo *shippar*, destacadas na Figura 2. E, finalmente, pela característica da relacionaridade (Idem, Idem), podemos identificar que as duas reportagens se relacionam uma com a outra, possivelmente pertencendo a uma mesma série de reportagens, indiciado pelo efeito de paráfrase dos títulos e subtítulos.

Com isso, esclarecemos que a entrada para nosso *corpus* se deu a partir desses textos considerados como tradicionais no espaço da web. Porém, nosso *corpus* propriamente dito é constituído pelos “enunciados anônimos”, ou seja, os comentários on-line produzidos por internautas não-linguistas na relação de interlocução com as reportagens. Em outros termos, os tecnodiscursos que não passam pelos processos editoriais inerentes à produção e publicação das reportagens.

Trata-se, então, de produções que, embora possam trazer o nome do internauta ou de seu avatar, não se caracterizam pela marca de fiadores. Constituem discursos de internautas que ao curso de suas navegações deixam rastros e marcas de leitura, interpretações, expressando juízos de valores, aprovação ou desaprovação em relação às reportagens ou, no caso do interesse de nosso estudo, em relação à língua, engendrando também debates/embates com outros internautas.

Conforme Paveau (2021b), é pela característica de ampliação e demais afordâncias da web que os tecnodiscursos são produzidos na relação uns com os outros levando a produção de novos conteúdos pela interação entre discursos, internautas e máquina, permitindo, assim:

as interações entre os internautas por meio dos dispositivos tecnodiscursivos, como os comentários ou os compartilhamentos, que favorecem a circulação dos conteúdos. [...] A web oferece, de fato, a possibilidade de numerosos usos relacionais a partir das disponibilidades e afordâncias que permitiram a emergência de práticas tecnodiscursivas. (PAVEAU, 2021b, p. 23)

Dentre as sete páginas selecionadas sobre a temática de vocabulários de relacionamentos na era digital, selecionamos somente duas, as que não silenciam seus internautas, possibilitando, por meio da ferramenta de comentários disponíveis, a inscrição das marcas da relação de interlocução. Assim, para nossas análises, contamos

com um total de 60 comentários, dos quais selecionamos os comentários que se relacionam a questões estritas ou deslizadas a partir de reflexões sobre a língua.

Nesse sentido, compreendemos que estamos trabalhando a partir de análises de um pequeno *corpus*:

trabalhar sobre pequenos corpora permite encontrar as formas linguageiras não necessariamente “frequentes”, no sentido estatístico do termo, mas sim as formas “emergentes” reveladoras do tempo presente e que por conta disso são parte de um “arsenal argumentativo” (Angenot) em um momento da história de uma sociedade, um arsenal que carrega ele mesmo a História dessa sociedade” (Moirand, 2020, p. 51)

A partir dos dados discursivos extraídos da seleção dos comentários que compõem nosso *corpus*, entendemos que ao se inscreverem no espaço da web e comentar sobre a língua, esses sujeitos não especialistas se posicionam em relação a ela. Assim, para nossas análises nos valem os critérios de Hudson (apud JARA MURILLO, 2021) sobre julgamentos para depois chegarmos na classificação com perspectiva discursiva proposta por Paveau (2020) de práticas metalinguísticas prescritivas, descritivas, intervencionistas e militantes.

Ressaltamos que observamos os comentários on-line buscando identificar algumas pistas de entradas conforme os interesses da Linguística Popular. Assim, observamos a princípio algumas marcas linguísticas como a valoração dos julgamentos, ou seja, comentários avaliativos positivos ou negativos, conforme Jara Murillo (2021) e acrescentamos o critério de comentário não polarizado a partir da observação de Paveau (2020) sobre as práticas descritivas, pelas quais não identificamos valoração eufórica nem disfórica nos comentários sobre a língua. Também observamos as marcas de pertencimento e não pertencimento a determinados grupos a partir dos usos da língua, assim como critérios de lealdade e insegurança linguística e tipos de argumentos, se geracionais ou assentado na disputa de classe.

A seguir, disponibilizamos uma relação de comentários que exemplificam, em nosso *corpus*, distintas percepções sobre a língua, os quais consideramos de grande interesse para o campo da Linguística Popular:

Tabela 1: Lista de comentários on-line

Código	Comentário
C.S.01	ODEIO ESSA GIRIA! É COISA DE GERAÇÃO LEITE COM PERA!
C.S.02	Shippar é quebrar a cara
C.S.08	Valeu UOL, com você fica mais fácil entender a língua dos jovens.
C.S.23	Não seria `chippar` (de chip)???
C.S.26	E eu aqui imaginando que era por uma pessoa em um navio e mandar

	embora... vivendo e aprendendo!
C.C.05	Nada disso. Crush é um refrigerante da década de 80....
C.C.19	É mais uma das modinhas chatas dos dias de hoje
C.C.21	Respondendo à pergunta do final, não, eu falei com a minha paquera hoje. Crush é nome de refrigerante.
C.C.24	Brasileiros são engraçados. Não gostam do próprio idioma, escrevem em português um pouco mal (e com muitas gírias) e idolatram o inglês, mas selecionam a parte mais fácil, como "crush" e "look". Jamais "thrill", "thoughtful", "around" etc.

Fonte: tabela elaborada pela AUTORA

4. Saberes populares de internautas não-linguistas acerca dos usos dos termos *Crush* e *Shippar*

Dos comentários listados, selecionamos 6 como interessantes exemplos para observarmos os critérios de julgamento (positivo, negativo e não polarizado); tipo de argumento que sustenta a posição dos internautas, identificadas, nestes exemplos, como geracional e/ou classe social; pertencimento ou não ao grupo da variante linguística que se vale dos termos de relacionamento na era digital; e, posicionamento de lealdade ou insegurança em relação a uma língua. A seguir, disponibilizamos uma tabela com a organização de nossas observações:

Quadro 1: quadro de análises

Critérios observados	Categorização	Comentários					
		C.S. 01	C.S. 08	C.C. 05	C.C. 19	C.C. 21	C.C. 24
Julgamentos	Avaliação positiva						
	Avaliação negativa	X		X	X	X	X
	Comentário não polarizado		X				
Identificação de grupos	Pertencimento ao grupo						
	Não pertencimento	X	X	X	X	X	X
Posicionamento	Lealdade linguística			X		X	
	Insegurança linguística						X
Argumento	Critério geracional	X	X	X	X	X	
	Critério de classe	X					

Fonte: quadro elaborada pela AUTORA

Como se pode observar no quadro que elaboramos, em sua maioria, as avaliações sobre os usos de termos que remetem a relacionamentos na era digital são negativas (5/6) e uma minoria, não polarizada (1/6). Enfatizamos que nos pareceu interessante não termos encontrado, nestes exemplos, indícios de avaliações positivas sobre essa prática languageira (0/6), pela qual se incorpora termos como *crush* e *shippar* na fala e/ou escrita.

Aproveitamos para destacar que, embora no comentário C.S.08 tenhamos uma expressão de agradecimento, o qual poderia remeter a uma valoração positiva, em “Valeu UOL, com você fica mais fácil entender a língua dos jovens!”, não interpretamos a expressão “Valeu UOL” como uma valoração positiva dos usos da língua, mas sim, à iniciativa da reportagem. Em relação à valoração da língua, temos apenas “língua dos jovens”, expressão que não indicia uma polarização bom/ruim e que, por isso, pode muito bem enquadrar-se como uma marca de uma prática metalinguística descritiva.

Em relação às práticas metalinguísticas descritivas identificadas em comentários não polarizados, interpretamos que os comentários C.S.02, C.S.23 e C.S.26¹⁴, também se aproximam a práticas metalinguísticas descritivas não polarizadas, pois seus enunciadores expressam reflexões sobre sentidos e formação dos termos. São eles, respectivamente: “Shippar é quebrar a cara”, que alude a uma definição; “Não seria ‘chippar’ (de chip)???” , comentário que questiona a grafia por uma alusão a outro termo em inglês; e “E eu aqui imaginando que era por uma pessoa em um navio e mandar embora... vivendo e aprendendo!”, muito provavelmente em alusão à expressão, em inglês, “this ship has sailed”, equivalente em português a “a fila andou”.

A seguir apresentamos algumas marcas que indiciam uma valoração negativa, identificadas nas expressões como: 1) “ODEIO ESSA GÍRIA!”, 2) “nada disso” e 3) “modinhas chatas”, por exemplo. Interpretamos essas marcas como indícios de uma 1) rejeição expressa de forma exacerbada, pelo uso de maiúsculas - que no espaço da web se aproximam a uma fala expressa em grito; 2) rejeição enfática e 3) rejeição por desqualificação, pelo uso do diminutivo, neste contexto, em sentido pejorativo, “modinhas” e o qualificador também pejorativo “chatas”. Marcas que se aproximam a práticas metalinguísticas prescritivas, por serem considerados usos que deveriam ser banidos, pelo efeito de rejeição. Assim, embora não expressem diretamente sentidos de “como falar” e “o que se pode falar” é possível inferi-lo pelo seu inverso, “como não falar”, “o que não se pode falar”. Trazendo assim, de uma forma implícita sentidos de caráter moralizante sobre a língua, seus usos e seus falantes.

Em relação à argumentação, identificamos que em sua maioria, o argumento dos posicionamentos e julgamentos sobre esses usos recai no aspecto geracional (5/6), podendo ser notado em “língua dos jovens”, “dos dias de hoje”, em alusão à geração da

¹⁴ Esses comentários não foram incorporados em nosso quadro de observação, pois atendem apenas a um critério, “comentário não polarizado”.

era digital e “COISA DE GERAÇÃO PERA COM LEITE!”, por exemplo. Destacamos que, apenas neste último exemplo encontramos com, além do argumento geracional, marcas do argumento de classe social (1/6), ao caracterizar uma geração como “PERA COM LEITE”. Essa expressão coloquial é utilizada usualmente para identificar um grupo da sociedade pelos abundantes recursos socioeconômicos e culturais disponibilizados a eles por seus proventores, membros familiares diretos como pais e mães. Ou seja, na expressão “geração pera com leite”, interpretamos dois recortes sobrepostos, o geracional (filhas e filhos) e o de classe social (mantidos por suas famílias).

Os demais argumentos geracionais podem ser compreendidos também pela relação de não pertencimento ao grupo que se vale usualmente desses usos da língua (6/6). Nos comentários, C.S.01, C.S.08 e C.C.19, por exemplo, temos, respectivamente: “É COISA DE GERAÇÃO PERA COM LEITE”, “fica mais fácil entender a língua dos jovens” e “é mais uma das modinhas chatas dos dias de hoje”. Por eles, conseguimos notar um distanciamento dos enunciadores ao grupo que é tema do debate, sujeitos que se valem dos termos *crush* e *shippar* em suas interações (tecno)linguísticas.

Enquanto que nos comentários, C.C.05 e C.C.21, respectivamente “Crush é um refrigerante da década de 80” e “Crush é nome de refrigerante”, seus enunciadores marcam o não pertencimento ao grupo, pelo mecanismo de auto-identificação a outro grupo geracional (da década de 80) ou que retoma uma outra memória para o termo (*crush*: nome de marca de refrigerante).

E assim, identificamos uma prática metalinguística que vai da prescritiva à militante que, a) busca retomar essa memória outra para o termo (na sequência desses comentários, identificamos um conjunto de mais 7, que retomam essa mesma memória) e b) milita a favor de termos equivalentes típicos do português brasileiro, como “paquera”, considerando que *crush* seria um significante que remete a outro significado (refrigerante). Podemos identificar marcas dessa dupla prescrição/militância, que, entendemos, são complementares, em C.C.21: “Respondendo à pergunta do final, não, eu falei com a minha paquera hoje. Crush é nome de refrigerante”.

E é com esse mesmo comentário, C.C.21, que exemplificamos os casos de “lealdade linguística”. Pela qual a lealdade repousa no vocabulário do grupo de pertencimento dos enunciadores, os que não se identificam com o grupo que se vale dos usos contemporâneos da língua sobre relacionamentos na era digital. Uma militância baseada na lealdade linguística ao português brasileiro rejeitando a incorporação de

estrangeirismo quando se encontra equivalentes adequados na língua materna, prescrevendo assim um uso nacionalizado de termos.

Por fim, observamos o caso de “insegurança linguística” no comentário C.C.24, “Brasileiros são engraçados. Não gostam do próprio idioma, escrevem em português um pouco mal (e com muitas gírias) e idolatram o inglês, mas selecionam a parte mais fácil, como "crush" e "look". Jamais "thrill", "thoughtful", "around" etc.”. Destacamos esse comentário, pois nele encontramos com fortes marcas típicas das práticas metalinguísticas prescritivas, a qual desvaloriza usos de sua língua que fujam à norma padrão (“escrevem em português um pouco mal (e com muitas gírias)”. Marcando, com isso, um distanciamento a esses falantes caracterizados por não gostarem do próprio idioma, ou seja, não o valorizar suficientemente em sua forma mais prestigiada. E ainda, desfere uma acusação de adulteração ao incorporar termos de outro idioma, que só seriam válidas se a adesão ao estrangeirismo abarcasse termos que exigem um alto domínio do idioma estrangeiro. Em outros termos, o idioma do outro em sua variante mais valorizada também.

Assim, com essas duas últimas análises, conseguimos marcar uma importante diferença entre práticas puramente prescritivas de práticas militantes pelo caráter fortemente moralizante da primeira. Entendemos que, no limite, toda prática militante apontaria para uma nova prescrição, porém a diferença repousa no modo de colocar-se no discurso. Considerando que as práticas metalinguísticas militantes estão vinculadas a questões éticas, por essa razão, não trazem de forma explícita marcas de um discurso moralizante, o qual em geral é conservador.

Considerações finais

Em nosso estudo, buscamos testar a fecundidade do terreno dos comentários online de internautas não-linguistas sobre uma língua, de modo a explorar o vasto campo disponível da Linguística Popular e propor um diálogo desse campo com os estudos sobre o Discurso Digital. Nesse sentido, podemos afirmar que a Linguística Popular serviu, neste estudo, como nossos óculos, enquanto que o Discurso Digital operou como nossa entrada de exploração, no recorte específico das percepções populares sobre fenômenos linguísticos contemporâneos típicos de uma sociedade atravessada pelo digital.

Apoiamo-nos teoricamente, em estudos como os de Hoenigswald (1966), Nancy Niedzielski e Preston (2021), Jara Murillo (2021) e Paveau (2020), principalmente, que

defendem uma não dualidade que comumente separa em polos opostos, de um lado, o conhecimento científico sobre uma língua, ou seja, as Ciências da Linguagem e, de outro, os saberes populares sobre ela, ou, então, a Linguística Popular. Esse conjunto de autores, cada qual, com um desenvolvimento bastante particular para o campo, ainda emergente no contexto brasileiro, permite compreendermos que as crenças e saberes populares sobre uma língua - que, neste estudo, associamos à noção de pré-discursos de Paveau (2008) - não são saberes equivocados ou ingênuos sobre uma língua, mas, ao contrário, são percepções que trazem traços interessantes e pertinentes para as Ciências da Linguagem.

Metodologicamente, estabelecemos critérios de análise a partir dos estudos de Jara Murillo (2021), os quais nos permitiram buscar pistas e indícios em nosso *corpus* tendo em vista perceber os distintos posicionamentos de não linguistas sobre a língua, enquanto que Paveau (2020) nos ofereceu a compreensão, pela perspectiva discursiva, de tipos de práticas metalinguísticas incorporadas nos discursos digitais analisados.

De maneira, geral podemos destacar que os comentários com julgamentos tenderam ora a uma prática prescritiva da língua, pelas quais se questiona os usos considerados destoantes do “normal” da língua portuguesa brasileira, e, ora a uma prática militante da língua, por meio da qual defende-se o uso de termos tipicamente brasileiros para evitar as substituições com estrangeirismos típicos do ambiente digital. Ambas posições, com argumentação e atitudes distintas, rejeitam, à sua forma, a incorporação de estrangeirismos na língua por uma geração caracterizada pelo forte atravessamento do digital.

Já, os comentários que não apresentam, em nosso *corpus*, marcas de julgamentos polarizados, ou seja, não necessariamente com valorações eufóricas ou disfóricas sobre tais usos da língua, aproximaram-se mais à noção das práticas metalinguísticas descritivas. Destacamos que, neste nosso estudo, não encontramos com traços de práticas metalinguísticas intervencionistas, porém não consideramos que essa ausência seja devido às discursividades digitais.

Entendemos que nosso estudo, a partir deste exercício analítico empreendido, demonstra que, embora haja a possibilidade de se perder, pelos comentários on-line, algumas descrições detalhadas de percepções sobre uma língua por não linguistas - as quais são possíveis de serem identificadas por meio de entrevistas abertas, ferramenta bastante usada na Linguística Popular. Por outro lado, trazem o potencial de recuperar os saberes espontâneos sobre uma língua produzidos também de forma espontânea pelos

internautas não linguistas ávidos em posicionarem-se no espaço da web em ambientes reais de interação. Além disso, nosso estudo, demonstra que os comentários on-line, devido às afordâncias da web, permitem capturar particularidades que só se instalam por meio dos debates/embates engendrados pelos internautas no espaço digital.

Conclui-se que a web 2.0 configura como um campo político privilegiado para os estudos da Linguística Popular na contemporaneidade, demonstrando assim, a fecundidade deste exercício, que defendemos, traz uma possibilidade outra com vasto potencial dentre a gama de práticas e diálogos que o campo da Linguística Popular permite.

Referências

AMOSSY, R. *Apologia à polêmica*. São Paulo: Contexto, 2017.

BARONAS, R. L. *O amargo da língua de Bolsonaro: discurso e linguística popular*. Grácio Editor: Portugal, 2021.

BARONAS, R. L.; CONTI, T. B. Notas sobre a possibilidade de um trabalho no carrefour epistemológico entre a linguística popular e os estudos do discurso. *Fórum Linguístico*, v. 16, n. 4, p. 4285-4294, 2019.

BARONAS, R. L.; COX, M. I. P. Linguística popular/folk linguistics e linguística científica: Em vez do versus, propomos a integração. *Fórum Linguístico*, v. 16, n. 4, p. 4254-4256, 2019.

DOLAR, K. Os dicionários colaborativos on-line: objetos metalinguísticos profanos. In: BARONAS, R. L.; GONÇALVES, M. R. B.; SANTOS, J. A. B. *Linguística Popular: contribuições às Ciências da Linguagem*. Araraquara: Letraria, 2021, pp. 111-131.

DOURY, M. “Ce n’est pas un argument!”: Sur quelques aspects des théorisations spontanées de l’argumentation. *Pratiques: Linguistique, littérature, didactique*, n. 139-140, 2008, p. 111-128.

GONÇALVES, M. R. B. On Mario de Andrade’s Folk Linguistics. *Cadernos de Linguística*, v. 2, n. 4, p. e490, 27 Aug. 2021.

JARA MURILLO, C. V. *El español de Costa Rica según los ticos*. Un estudio de lingüística popular. San José: Editorial de la Universidad de Costa Rica, 2006.

JARA MURILLO, C. V. Linguística Popular: o espanhol na Costa Rica segundos os ticos e alguns centro-americanos residentes no país. In: BARONAS, R. L.; GONÇALVES, M. R. B.; SANTOS, J. A. B. *Linguística Popular: contribuições às Ciências da Linguagem*. Araraquara: Letraria, 2021, pp. 25-77.

HOENIGSWALD, H. M. A Proposal for the Study of Folk-Linguistics. In: BRIGHT, W. (ed.). *Sociolinguistics*. The Hague: Mouton, 1966, pp. 16-26.

NIEDZIELSKI, N.; PRESTON, D. R. *Folk linguistics*. Berlin: De Gruyter Mouton, 2000/2003.

NIEDZIELSKI, N. A.; PRESTON, D. R. Pragmática Popular. In: BARONAS, R. L.; GONÇALVES, M. R. B.; SANTOS, J. A. B. *Linguística Popular: contribuições às Ciências da Linguagem*. Araraquara: Letraria, 2021, pp. 12-23.

MAINGUENEAU, D. Das razões para ler Ressignificação em contexto digital. In: PAVEAU, M. COSTA, J. L. BARONAS, R. L. (Orgs.) *Ressignificação em contexto digital*. São Carlos: EDUFSCar, 2021, pp. 9-14.

AUTORIA, A.; CO-AUTORIA, C. “Título”: subtítulo. In: ORGANIZADOR, O.; ORGANIZADOR, O.; ORGANIZADOR, O. *Título: Subtítulo*. Cidade: Editora, ano, pp. X-Y.

PAVEAU, M.A. *Os pré-discursos: sentido, memória, cognição*. Campinas: Pontes editora, 2008.

PAVEAU, M. A. Não linguistas fazem linguística? Uma abordagem antieliminativa das ideias populares. *Policromias - Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som*, v. 3, n. 2, p. 21-45, 2018.

PAVEAU, M. A. *Linguística Folk: uma introdução*. Organizado por Roberto Leiser Baronas, Tamires Cristina Bonani Conti e Julia Lourenço Costa. Araraquara: Letraria, 2020.

PAVEAU, M.A. *Análise do Discurso Digital: dicionário das formas e das práticas*. Campinas: Pontes editora, 2021a.

PAVEAU, M.A. (2021b) A resignificação na web social: princípios teórico-metodológicos. PAVEAU, M. COSTA, J. L. BARONAS, R. L. (Orgs.) *Ressignificação em contexto digital*. São Carlos: EDUFSCar, 2021, pp. 19-58.